

## CUDWORTH, UM FILÓSOFO EM CONTRA CORRENTE\*

*Maria Luísa Ribeiro Ferreira*

Universidade de Lisboa  
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

### O neo-platonismo, uma vertente perdedora da modernidade

Em 1990, numa comunicação ao Ciclo de Conferências promovido pelo então Presidente da República de Portugal, Umberto Eco falou-nos de duas orientações de pensamento, aparentemente opostas, que subterraneamente percorreram (e percorrem) a tradição filosófica europeia.<sup>1</sup> Ambas radicam na herança grega da qual cada uma pensou ter captado o essencial. Uma é linear, dedutiva, luminosa, exalta a objectividade e traça fronteiras nítidas, excluindo tudo o que não se lhe adapta. Nela a univocidade é soberana. Outra recorre preferencialmente à alegoria e ao símbolo; é circular, reversível, sincrética e labiríntica. A primeira elege o princípio da identidade como critério lógico para estabelecer a norma, a simpatia universal e instala a semelhança no seio do universo. Mas o diálogo entre ambas é constante pois quando uma parece dominar, imediatamente a outra se desenvolve sub-repticiamente, ganhando forças para uma ulterior afirmação. Nenhuma delas anula ou apaga a sua contrária; convivem com igual premência numa mesma época e até numa mesma pessoa, como o verso e o reverso de uma realidade demasiado complexa para se exprimir de um só modo.

---

\* Este texto retoma e desenvolve alguns tópicos do meu artigo “Leibniz e o hermetismo - a sua ligação com Cudworth” em *Philosophica* 37, (2011), pp. 37-57.

<sup>1</sup> Umberto Eco, “O Irracional, o misterioso, o enigmático” in *Balanço do Século. Ciclo de Conferências promovido pelo Presidente da República*, Lisboa, INCM, 1990, pp. 1105-117.

Quando referimos modernidade imediatamente lembramos a “revolução científica”, a “nova filosofia”, o triunfo dos mecanicismos, a natureza instrumentalizada ao serviço do homem, a dessacralização. Houve expressões comuns a todos os pensadores modernos que recorrentemente as utilizaram: ideias claras e distintas, *mathesis universalis*, método analítico e sintético, causalidade eficiente. Elas representam o triunfo da vertente objectiva e científica, o desejo de clarificar, desdobrando as pregas ocultas às quais se aplica um discurso geométrico, por todos decifrável. O livro do mundo submeteu-se a diferentes leituras que no entanto se irmanavam num desejo de tudo pautar por critérios universais. O raciocínio silogístico foi preterido em prol de outras formas de pensamento, mais abertas e criativas embora sempre pautadas por uma racionalidade estrita. No entanto a modernidade foi muito mais do que este quadro luminoso trabalhado pelo desejo expresso de clareza. Nela estiveram também presentes linhas de pensamento que valorizaram o oculto e o misterioso, que deliberadamente misturaram o religioso e o filosófico, que elegeram como tema central de investigação as diversas produções de uma unidade dinâmica e proteica, somente identificável num percurso iniciático acessível a alguns eleitos. Podemos dizer que esta foi a sua vertente perdedora pois não foi ela que traçou os contornos pelos quais ficou conhecido o paradigma moderno. Os seus cultores ocupam hoje um lugar modesto nas histórias da filosofia, ofuscados pelos grandes vultos “oficiais” do pensamento seiscentista, arautos de um novo modo de pensar e de agir. Só que as teses dominantes de uma época estão sujeitas aos valores e desideratos do tempo em que nasceram. Na visão límpida e optimista da modernidade, disseminada por alguns intelectuais que por ela foram responsáveis, começam hoje a insinuar-se falhas, a levantar-se questões, a surgir alternativas. O que nos faz estar atentos às margens, aos interstícios, às lacunas e hiatos que sempre existem no quadro de uma mundividência cantada e contada a uma só voz. Não só descobrimos os efeitos perversos de uma leitura predominantemente científica do real, como percebemos que ela é uma entre muitas das chaves possíveis para penetrar no mesmo. E ficamos motivados para uma outra linha que paralelamente se desenrolou, provocando interpretações diferentes. Denominamo-las de perdedoras por não terem imposto os seus parâmetros. No que respeita à modernidade, estão neste caso o hermetismo, o animismo, a cabala hebraica, a magia, orientações que com maior ou menor peso se situaram no neo-platonismo do século dezassete. Foi no interior destas correntes que se colocou Ralph Cudworth.

Cudworth integrou o grupo de filósofos ingleses habitualmente identificados como os Platónicos de Cambridge.<sup>2</sup> A designação não foi totalmente justa pois,

---

<sup>2</sup> A este grupo pertencem entre outros Henry More, Benjamin Wichcote, Anne Conway e John Smith.

para além de Platão, estes pensadores reviram-se noutros filósofos antigos, nomeadamente nos pitagóricos, nos atomistas, em Aristóteles, nos Estóicos, em Plotino. E tiveram em conta as teses defendidas pelos seus contemporâneos (Hobbes, Descartes, Espinosa, Bacon, os membros da *Royal Society*) que de um modo geral criticaram, pela ameaça materialista e ateia que constituíam. Cultores de uma filosofia perene, à maneira de Ficino, não deixaram no entanto de colaborar na revolução moderna, na qual projectaram o seu ideal conciliador, estabelecendo pontes entre razão e fé, filosofia e teologia, espírito e matéria, inatismo e experiência. Para além da especificidade das teorias que defenderam, uniu-os um ponto comum: a centralidade de um primeiro princípio, ou Deus, ou causa primeira, cujas manifestações procuraram descobrir. Defensores de uma unidade primordial, simples e indivisível, consideraram-na indispensável para a eclosão da multiplicidade, preocupando-se sobremaneira em salvaguardar a transcendência.

### **Cudworth, um filósofo em luta contra o seu tempo?**

A obra de gigantesca erudição que foi *The True Intellectual System of the Universe*<sup>3</sup> obedeceu a vários objectivos. Um deles foi o estabelecimento de continuidades visando a construção de pontes entre teorias e evidenciando certas afinidades entre filósofos. Foi sua pretensão traçar uma linha comum, subjacente à diversidade, pela qual os pensadores arcanos fossem recuperados, sublinhando a perenidade e actualidade de teses do passado e mostrando como elas estiveram presentes em diferentes tempos. Cudworth empreendeu uma arqueologia da revelação divina, comunicada aos hebreus e posteriormente transmitida aos egípcios e a outras culturas; trabalhou exaustivamente certos conceitos, situando-os no seu contexto originário e analisando a forma como se transferiram para outras civilizações, constituindo-se como património universal do saber. Por isso preocupou-se com os relatos sobre a formação do Universo, dando um especial relevo à ideia de que nada pode vir do nada; ou com a simbologia trinitária, que assinalou em inúmeras cosmogonias e para a qual reivindicou uma fonte comum - a Cabala mosaica; ou com o atomismo e materialismo dos antigos que reencontrou nas explicações veiculadas por filósofos modernos como Hobbes, e Espinosa; ou com as relações entre Deus e

---

<sup>3</sup> Ralph Cudworth, *The True Intellectual System of the Universe (TIS)*, Bristol, Thoemmes Press, 1995, 3 vols.

o mundo, nomeadamente as que concernem a dialéctica entre o Uno e as suas múltiplas concretizações.

Em *The True Intellectual System* Cudworth tentou provar que a ideia de Deus sempre existiu nas diferentes civilizações, embora fosse expressa por nomes diferentes. Interessou-lhe aproximar os vários conceitos de divindade surgidos ao longo da história, mais próximos entre si do que manifestamente aparentavam. Para além deles buscou um significado comum, um conjunto de características que substantivasse os termos em que o nome de Deus foi sendo enunciado:

“(…) aqui apenas sugerimos que, dado que há diferentes palavras para Deus nas diferentes línguas, e que os homens têm a mesma noção ou concepção nas suas mentes, adequada a todas elas, temos que assegurar que para além do fantasma dos diferentes sons [que emitem] eles possuem uma outra ideia ou concepção que pertence a essas palavras.”

*The True Intellectual System*<sup>4</sup>

No extenso capítulo IV do volume II da obra supra citada, o filósofo analisou vários conceitos de Deus, recuando a Hebreus e Egípcios, revisitando filósofos e reinterpretando textos. Chamou “teologia fisiológica dos pagãos” ao fenómeno, para ele estranho e intrigante, de adorarem Deus nas suas obras e de personalizarem partes do mundo inanimado, atribuindo-lhes nomes de deuses e de deusas. Movido por um desejo de sintonia, recorreu a textos esotéricos e exotéricos e mergulhou no mundo secreto a que apenas os iniciados acediam. Olhou os diferentes autores com menor ou maior severidade consoante a sua adaptabilidade ao conceito de um Deus único. A hermenêutica que desenvolveu sobre os fragmentos de alguns pensadores (Xenófanes, Anaxágoras, Heraclito, Empédocles, Melisso, Zenão) levou-o a concluir que a questão de Deus foi central no pensamento antigo e que os chamados “pagãos” foram capazes de observações argutas sobre a divindade e a sua relação com o mundo:

“Fizemos tudo isto para mostrar como os filósofos antigos foram curiosos nas suas investigações sobre Deus, e como foram exactos nas suas descrições sobre ele.”

*The True Intellectual System*<sup>5</sup>

<sup>4</sup> “ (...) we shall here only suggest thus much, that since there are different words for God in several languages, and men have the same notion or conception in their minds answering to them all, it must needs be granted, that they have some other idea or conception belonging to those words, besides the phantasm of their several sounds.” *TIS* 2, IV, p. 293.

<sup>5</sup> “We have produced all this, to show how curious the ancient philosophers were in their

Cudworth reconstituiu exaustivamente os argumentos dos ateus; desconstruiu-os de modo a que ficasse evidente a falsidade dos mesmos. Mas o seu maior objectivo foi patentear que raramente os pagãos defenderam um verdadeiro politeísmo, detectando em quase todos um monoteísmo camuflado. Daí o especial relevo que atribuiu a alguns pensadores, considerando-os precursores do conceito judeo-cristão de um Deus único. Disse-o a propósito de Parménides, que aproximou do cristianismo:

“(…) Daqui podemos concluir que nunca nenhum filósofo sustentou uma multidão de mentes não criadas e auto-existentes, ou de divindades independentes, como princípios co-ordenadores do mundo (…).

Daqui podemos observar que esta opinião de uma eternidade permanente, diferente da sucessão contínua do tempo, não é algo tão novo como alguns nos querem persuadir, nem foi pela primeira vez pensada pelos escritores cristãos, pelos intelectuais ou pelos padres da Igreja, sendo pelo menos tão antiga como Parménides.”

*The True Intellectual System*<sup>6</sup>

O mesmo afirmou de Sócrates que, segundo Cudworth, valorizou uma inteligência ordenadora do Universo, consciente do que nele se passava.<sup>7</sup> Classificou Sócrates e Platão de “monarquistas”, considerando-os defensores de uma divindade suprema, produtora do céu e da terra bem como dos outros deuses.<sup>8</sup> Ambos nos mostraram como é possível a convivência de uma multiplicidade de deuses menores com a inteligência suprema que os produziu. Platão falou-nos de uma alma do mundo, responsável pelo movimento deste; Aristóteles defendeu um intelecto imóvel, impulsionado por amor, do qual dependiam a ordem, a harmonia e a beleza.<sup>9</sup> E também os Estóicos foram recuperados para o cristianismo pois sustentavam que o Universo estava cheio de deuses e de demónios mas admitiam um *Numen* universal. Ao constatarem a perfeição gradual do

---

inquiries after God, and how exact in their descriptions of him.” *TIS 2*, IV, p.48.

<sup>6</sup> “(…) From whence it may be concluded that no philosopher ever asserted a multitude of unmade, self-existent minds, or independent deities, as co-ordinate principles of the world (…)

From whence it may be observed, that this opinion of a standing eternity, different from that flowing succession of time, is not so novel a thing as some would persuade, nor was it first excogitated by Christian writers, schoolmen or fathers, it being at least as old as Parmenides.” *TIS 2*, IV, pp. 40, 43.

<sup>7</sup> *TIS 2*, IV, p. 61.

<sup>8</sup> *TIS 2*, IV, 2, IV, p. 68.

<sup>9</sup> *TIS 2*, IV, 2, IV, p. 84-92.

mundo foram levados a postular a existência de um “princípio sapiens.”<sup>10</sup>

A análise minuciosa (e por vezes repetitiva) feita no extenso capítulo IV, permitiu a Cudworth concluir pela existência de verdades universais que todos partilharam (e partilham). Inegavelmente que elas existem no plano da lógica pois somos orientados por princípios básicos que todo o raciocínio correcto deverá respeitar. Mas também as encontramos nos domínios da ética e da religião. São verdades pelas quais se regem (e regeram) todos os humanos, o que levou o filósofo a concluir que as mentes destes participam da mente divina:

“As verdades não se multiplicam pela diversidade das mentes que as apreendem; porque são todas participações ectípicas de uma mesma mente e verdade original ou arquetípica.”

*The True Intellectual System*<sup>11</sup>

Paralelamente a esta orientação construtiva e globalizante que o levou a empenhar-se na procura de constantes num universo onde parecia reinar a diversidade, Cudworth combateu o ateísmo, um desiderato que ficou expresso no subtítulo da sua obra.<sup>12</sup> Alarmado com a irreligiosidade dos filósofos coevos, desejosos de colocar a filosofia num terreno secular, trilhou um outro caminho, diluindo fronteiras entre filosofia e teologia. Foi sua intenção mostrar que certos pensadores antigos (e mesmo alguns pensadores cristãos) foram abusivamente classificados de ateus quando de pleno direito poderiam considerar-se teístas. Tendo em mente depurar um conceito de divindade, despindo-o das imprecisões e dos erros em que se apresentava enredado, preocupou-se em apurar um núcleo duro de crenças verdadeiras. O que o levou a denunciar pensadores que pudessem fazer perigar uma noção correcta da Deus. Considerou os materialistas - aqueles que não reconheceram outra substância para além da matéria - como os mais responsáveis por esta deturpação. E acusou-os de “pneumatofobia”, o horror irracional aos espíritos e às substâncias incorpóreas.<sup>13</sup>

Segundo Cudworth foram indubitavelmente ateus os que negaram um primeiro princípio e consideraram os átomos físicos como elementos

<sup>10</sup> *TIS* 2, IV, p. 101.

<sup>11</sup> “Truths are not multiplied by the diversity of minds that apprehend them; because they are all but ectypal participations of one and the same original or archetypal mind and truth.” *TIS* 3, IV, p. 71.

<sup>12</sup> *The True Intellectual System of the Universe Wherein All the Reason and Philosophy of Atheism is confuted, and Its Impossibility Demonstrated.*

<sup>13</sup> *TIS* 1, III, § XXX, p. 200.

fundadores do real. Foram-no também os que defenderam a mortalidade e perenidade de todos os existentes. Igualmente integrou na categoria de incrédulos os que contestaram a providência divina, os que postularam a existência de um determinismo e os que negaram um plano de Deus para o mundo. Esforçando-se por mostrar uma ordem universal, Cudworth defendeu o argumento do desígnio e apresentou-nos um Deus que não criou o mundo de uma só vez, no início dos tempos, mas que progressivamente foi actualizando a sua criação.

Alguns ateus duvidaram da existência de um Deus criador, baseando-se nas imperfeições deste mundo;<sup>14</sup> devido à existência do mal e do sofrimento, questionaram um Deus sumamente bom e misericordioso alegando tratar-se de uma tese incompatível com os factos observáveis. Estes mostram-nos que a injustiça triunfa. Cudworth atacou tais posicionamentos argumentando que eles se baseavam na sobrevalorização das partes, esquecendo o Todo e que apenas consideravam o presente, ignorando quer o passado quer o futuro.<sup>15</sup> Para ele Deus ultrapassava o entendimento limitado dos homens, que tendem a projectar nele tudo o que são.<sup>16</sup> Foram essas fantasias imaginativas que nos deram uma ideia errada de Deus. Deus para ele constitui um padrão absoluto de referência a partir do qual a nossa vida ganha sentido:

“Estar sem Deus é estar sem esperança no mundo (...). Acreditar que Deus existe é acreditar na existência de todo o bem e de toda a perfeição possível no universo.”

*The True Intellectual System*<sup>17</sup>

Cudworth foi sensível à ameaça de ateísmo que considerou sob uma forma larvar no pensamento de Descartes e explícito nas teses de Hobbes e dos deístas seus contemporâneos. Quis desmascará-lo mostrando as contradições internas em que assentava; propôs-se traçar-lhe a génese, analisando as suas diferentes manifestações. O que o levou a destacar quatro orientações na filosofia antiga e a evidenciar a sua influência perniciosa, ainda presente na modernidade.

Considerou em primeiro lugar o ateísmo hylopatiano ou de Anaximandro que derivava todas as coisas da matéria, a partir da qual

---

<sup>14</sup> *TIS* 3, V, V, p. 461.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *TIS* 3, V, p. 483

<sup>17</sup> “to be without God is to be without hope in the world (...). To believe a God is to believe the existence of all possible good and perfection in the universe.” *TIS* 3, V, p. 496.

surgiriam as diferentes formas. Ora Cudworth classificou a matéria como algo de “morto e de estúpido.”<sup>18</sup> Os atomistas também foram alvo das suas críticas, pela sua concepção descontínua de matéria cujas partículas, dotadas de movimento, provocaram a formação do Universo:

“Esta filosofia arraçada que teve como fundadores Leucipo, Demócrito e Protágoras (...) nada mais foi do que uma forma filosófica de anti-teologia, uma tentativa gigantesca e titânica de destronar a Divindade (...) Foi um ateísmo abertamente arrogante sob a aparência gloriosa de sabedoria e de filosofia.”

*The True Intellectual System*<sup>19</sup>

Integrou no ateísmo cosmoplástico todos os defensores de uma forma espermática que se patenteava de um modo inconsciente nas sementes dos vegetais e dos animais, organizando os seus corpos. Atribuiu aos Estóicos um papel determinante nesta orientação.<sup>20</sup> Finalmente criticou os que atribuíram à matéria uma energia viva, classificando-os de hilozoístas.<sup>21</sup> Foi uma orientação menos cultivada mas tão perigosa como as restantes pois também tentou suprimir a divindade e fez da vida uma manifestação segunda da matéria. Strato de Lampsacus esteve na origem destas posições que posteriormente se foram expandindo.

Cudworth investigou a génese destas quatro formas de ateísmo (hilopatiano, atomista, cosmoplástico e hilozoísta) traçando os elos que as conduziram aos modernos, nomeadamente a Hobbes, um dos seus principais alvos. O desejo de tornar patente a continuidade entre os materialistas antigos e o autor do *Leviatã* levou-o a debruçar-se sobre as teses dos primeiros, mostrando alguma ambivalência. Na verdade, Cudworth revelou uma certa simpatia pelo atomismo, que considerou ter estado presente em todos os filósofos antigos e para cujas teses tentou encontrar explicação. Não esteve no entanto de acordo com a negação de uma substância incorpórea. Segundo ele a fisiologia atomística derivou da necessidade de explicar a existência das coisas. Assumindo como princípio geral que nada vem do nada, os atomistas defenderam que todos os corpos

<sup>18</sup> “(...) derives all things from dead and stupid matter, in the way of qualities and forms” *TIS* 1, II, § III, § XXX, p. 200.

<sup>19</sup> “(...) this mongrel philosophy which Leucipus, Democritus and Protagoras were the founders (...) was really nothing else but a philosophical form of atheology, a gigantical and titanical attempt to dethrone the Deity (...) It was atheism openly swaggering under the glorious appearance of wisdom and philosophy.” *TIS* 1, II, § III, p. 106.

<sup>20</sup> *TIS* 2, IV, p. 621.

<sup>21</sup> *TIS* 1, III, § XXX, p. 199 e segs.



se formaram de outros corpos, alguns deles tão pequenos que não os conseguimos perceber.

Estas e outras teses materialistas foram analisadas e contestadas por Cudworth que expôs as suas falhas e contradições. Mas a sua visão não foi totalmente crítica pois concluiu que quem compreendesse bem os atomistas teria que admitir a doutrina de uma substância incorpórea pois o conceito de matéria que apresentaram não justificava a existência da vida e do pensamento, exigindo a postulação de uma outra substância, diferente do corpo. Segundo Cudworth o atomismo não foi incompatível com a afirmação de uma teologia pois professou simultaneamente uma visão mecanicista do real e aceitou a existência de princípios vitais, abrindo uma porta para a existência de algo diferente da matéria. Demócrito e Leucipo foram, segundo Cudworth, os responsáveis por uma radicalização desta corrente, tornando difícil compatibilizá-la com a existência de Deus e de almas incorpóreas.

Foi precisamente dos materialistas da Antiguidade que o platónico de Cambridge tentou aproximar Hobbes, dando visibilidade a uma linha contínua que ligaria o materialismo antigo e o moderno. Com este intuito a concepção hobbesiana da divindade foi esmiuçada por Cudworth nos seus diferentes cambiantes. Assim criticou a tese que tirava a Deus o seu estatuto ontológico, transformando-o num mero nome ou designação, aplicável aos fenómenos que ultrapassavam a nossa percepção sensível. Tomando como referência textos de *A Natureza Humana* e do *Leviatã* onde Hobbes sustentava não podermos ter uma ideia de Deus porque não o sentimos nem o imaginamos, a elas Cudworth opôs a validade de um pensamento não subordinado aos sentidos:

“Não temos só ideias sensíveis, passivamente impressas em nós a partir de fora, mas também noções inteligíveis activamente exercidas a partir do próprio intelecto. (...) a certeza desta evidência não decorre apenas dos sentidos mas de uma colaboração deles com a razão e o entendimento.”

*The True Intellectual System*<sup>22</sup>

Cudworth distinguiu compreensão e concepção. Ser incompreensível não é o mesmo que ser inconcebível pois no primeiro caso a mente humana, limitada, não consegue captar totalmente a natureza divina. O que não a impede de chegar a Deus, reconhecendo a sua existência. O mesmo se

---

<sup>22</sup> “We have not only sensible ideas, passively impressed upon us from without, but also intelligible notions, actively exerted from the mind itself. (...) the certainty of this very evidence is not from sense alone, but from a complication of reason and understanding together with it. “ *TIS* 1, III, § XXX, p. 518.

passa com outras verdades que ultrapassam a nossa inteligência pois, como diz: “A verdade é maior do que as nossas mentes.”<sup>23</sup> É a própria natureza humana que nos conduz a Deus pois temos implantadas em nós certas paixões: a capacidade de êxtase e de horror, a veneração, a admiração e a adoração, são inclinações e afectos que apelam para um interlocutor ao qual se apliquem.

Hobbes, como grande parte dos ateus antigos e modernos, explicou a origem da religião pelo medo e pela ignorância das causas. Aquilo que comumente se crê corresponder a uma religiosidade natural foi por este pensador (tal como por Espinosa) interpretado como uma imposição dos poderes estabelecidos que pretendiam assegurar o seu domínio sobre os súbditos, fomentando o terror e impondo determinadas normas de conduta. O autor do *Leviatã* pretendeu outorgar ao Estado um poder absoluto o que impedia qualquer concessão a outras instituições que lhe pudessem fazer sombra em matéria de poder, nomeadamente as diferentes Igrejas. Cudworth denunciou as intenções políticas da argumentação hobbesiana, bem como a tese de que os preceitos morais seriam estabelecidos pelo Estado. Para Hobbes a consciência individual deveria ser moldada pelas leis do país; daí a não aceitabilidade de juízos morais privados que pudessem entrar em rivalidade com os públicos. Segundo Cudworth o autor do *Leviatã* considerou a consciência individual um perigo pois poderia levar à dissolução do Estado e ao regresso ao estado de natureza.<sup>24</sup> Ao criticar estas teses, o platónico de Cambridge foi levado a visitar Platão e a defender a eternidade e imutabilidade das ideias inteligíveis, presentes na mente de Deus e comunicadas aos homens pelo intelecto divino. Também valorizou Aristóteles no que respeita à metafísica e à moral. Embora lhe censurasse a confusão entre substância corpórea e incorpórea ressaltou no seu pensamento quatro tópicos que mereceram a sua aprovação: a existência de um primeiro motor imóvel; a admissão de causas finais na natureza; a manutenção de uma moral natural e a defesa da liberdade a partir da necessidade.<sup>25</sup>

Cudworth recusou-se a aceitar a teologia como um conjunto de noções contraditórias pois também na filosofia se digladiam perspectivas múltiplas e nem por isso ela é absurda. Acusou os filósofos materialistas de inconsistência pois com o pretexto de tudo justificarem por causas naturais

<sup>23</sup> “Truth is bigger than our minds.” *TIS* 1, III, § XXX, p. 518.

<sup>24</sup> *TIS* 1, II, cap. II, § XXI, pp. 136-7

<sup>25</sup> *TIS* 1, I, §XLV, pp. 94-99. (As teses aristotélicas são recorrentemente abordadas ao longo da obra).

não conseguiram encontrar explicações satisfatórias quanto à origem e constituição dos fenômenos do espírito, aos quais a matéria não dá respostas plausíveis. Embora não considerasse Descartes um materialista, situando-o entre os teístas, considerou a perigosidade das suas teses dado que contribuíram para a difusão do ateísmo. Criticou-lhe o mecanicismo, a valorização da causalidade eficiente sobre a final, as provas pouco convincente da existência de Deus. Tal como muitos pensadores do seu tempo contestou a tese cartesiana de que os animais são destituídos de sensibilidade e de pensamento. Percebeu que Descartes a defendera para fugir ao absurdo de pensar as almas dos irracionais sujeitas a uma recompensa e a um castigo depois da morte, mas denunciou como absurdo ainda maior a explicação do comportamento animal em termos mecânicos. E não perdoou a Descartes o estatuto que este atribuiu a Deus, fazendo dele um mero espectador de um mundo auto-suficiente:

“Estes teístas que filosofam desse modo, resolvendo todos os fenômenos corpóreos como sendo mecanicismo fortuito, ou um movimento necessário e não orientado da matéria, consideram que Deus nada mais é no mundo do que um espectador preguiçoso dos vários resultados dos movimentos fortuitos e necessários dos corpos.”

*The True Intellectual System*<sup>26</sup>

Cudworth pensou no interior de uma outra ciência, respirou uma outra modernidade, defendeu outros valores, teve preferência por outros filósofos. Criticou grandes vultos da filosofia seiscentista, como Descartes, Espinosa, Hobbes e Locke, vendo neles a ameaça materialista. Mas inegavelmente que a sua atracção pelas correntes vitalistas e esotéricas o aproximaram de um outro grande pensador coevo - Leibniz.

### **Um filão comum com Leibniz**

Como vimos, Cudworth seguiu orientações que o afastaram do pensamento filosófico dominante no seu tempo. Mas neste modo de pensar, assente em parâmetros anti-mecanicistas, não esteve só. A sua obra vem provar que não é possível traçar um retrato unívoco da modernidade pois nela estão presentes diferentes olhares e pontos de vista. A filosofia contra a corrente que cultivou, contrariou o ateísmo e o materialismo (antigos e

---

<sup>26</sup> “(...) those theists who philosophized after this manner, by resolving all the corporeal phenomena into fortuitous mechanism, or the necessary and unguided motion of matter, make God to be nothing else in the world, but an idle spectator of the various results of the fortuitous and necessary motions of bodies.” *TIS* 1, III, §XLV, p. 220.

modernos) e defendeu a existência de uma inteligência suprema; bateu-se contra os nominalistas postulando a realidade eterna das ideias morais; demarcou-se do panteísmo naturalista estabelecendo mediações entre Deus e o mundo; tentou fortalecer os seus posicionamentos recorrendo à tradição. Em termos metafísicos aproximou-se dos neo-platónicos e defendeu uma realidade hierarquizada, presidida por um Deus supremo que progressivamente se vai manifestando. As relações deste Deus com a matéria tiveram como mediadora uma natureza plástica, responsável pelos princípios vitais presentes nos corpos.

No campo da filosofia natural Cudworth pactuou com o atomismo, aceitando o princípio básico de que nada vem do nada e de que os corpos se formaram a partir de outros corpos, embora para ele a matéria não se colocasse como a causa determinante dos mesmos. Enquanto fervoroso militante anti-ateu procurou tornar visíveis os elos entre religião e filosofia e atribuiu a esta o estatuto de iluminação divina. No domínio gnosiológico defendeu o inatismo, sustentando à maneira platónica a existência de marcas divinas, presentes nas ideias inteligíveis partilhadas por todos os humanos.

Não se pense no entanto que o autor de *The True Intellectual System* esteve sozinho nos posicionamentos defendidos. A visão da Natureza que nos propôs foi comum a outros pensadores seiscentistas que também sustentaram concepções dinâmicas e vitalistas. Van Helmont, Henry More, Glisson, Anne Conway acompanharam-no na revisitação dos antigos bem como no desejo de estabelecer continuidades. Leibniz embora nem sempre apoiasse as suas teses referiu-se-lhes com deferência. No início dos *Novos Ensaios*, pela fala de Filaleto, classificou Cudworth como “grande filósofo e teólogo inglês”<sup>27</sup>. E embora Teófilo (representante das posições leibnizianas) não mencionasse Cudworth ao apresentar o seu “novo sistema”, a sintonia com ele manifestou-se nas alianças estabelecidas entre Platão, Demócrito, Aristóteles e Descartes, nas teses sobre os diferentes graus de perfeição que atravessam o real e sobre as forças que habitam os corpos.<sup>28</sup>

Tal como Cudworth, Leibniz também representou uma outra linha do paradigma moderno. Um e outro concordaram em não antagonizar diferentes concepções do real, preferindo estabelecer continuidades entre as tradições esotéricas e os ideais científicos emergentes; colocaram estes

<sup>27</sup> Referindo-se a Lady Masham, em casa de quem dialogou com Locke, identifica-a como “digne fille du celebre M. Cudworth, grand Philosophe et Theologien anglois, Auteur du systeme intellectuel, dont elle a hérité l’ esprit de meditation et l’ amour de belles connoissances.” Leibniz, *Nouveaux Essais sur l’Entendement Humain*, GP 5, pp. 62-63.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 63.

ao serviço de uma mundividência holística onde tudo tem a ver com tudo. Ambos privilegiaram o símbolo como estrutura interpretativa do universo, valorizaram a analogia como explicação credível, defenderam a circularidade, a complexidade e a entre-expressão. Para eles os corpos eram habitados por forças que se expressavam e concretizavam nos fenómenos materiais. O conceito de vida desempenhou nos dois filósofos um papel central. A ideia de um mundo animado e orgânico, em que os diferentes seres se estruturavam a partir de elementos simples levou-os ao conceito de mónada. Este ganhou uma particular importância no sistema de Leibniz mas Cudworth também o referiu, ficando patente uma comunidade de posições no que concerne à imaterialidade e simplicidade das mónadas e ao facto de serem constitutivas de toda a realidade. Cudworth sustentou que:

“Um ser que pensa é uma mónada, ou uma substância simples, e não um amontoado de substâncias; enquanto que nenhum corpo ou coisa extensa não é uma substância mas muitas; do qual [corpo] toda a parte mínima concebível é por si mesma uma substância.”

Cudworth, *The True Intellectual System*<sup>29</sup>

É uma tese que reencontramos em Leibniz quando iniciou a sua *Monadologia* com a definição deste conceito:

“A Mónada de que iremos aqui falar não é mais do que uma substância *simples* que entra nos compostos; simples, isto é, sem partes.”

Leibniz, *Monadologia*<sup>30</sup>

A relação entre matéria e vida foi um problema que ambos procuraram resolver, de modo a ultrapassar dicotomias, num combate a um mecanicismo que se lhes afigurava redutor. De igual modo contrariaram a tese cartesiana dos animais máquina, aceitando neles a presença de almas e negando que estas se pudessem ter formado a partir da matéria:

“Temos que aqui condenar aquela doutrina de alguns professos teístas e cristãos dos últimos tempos, que fazem originar todas as almas, não só as sensitivas nos animais, mas também as racionais nos homens, a partir da matéria.”

Cudworth, *The True Intellectual System*<sup>31</sup>

<sup>29</sup> “A thinker is a monad, or a simple substance, and not a heap of substances; whereas no body or extended thing is one but many substances; every conceivable or smaller part thereof being a real substance by itself.” *TIS*, 3, V, III, p. 395.

<sup>30</sup> “La Monade, dont nous parlerons icy, n'est autre chose qu'une substance simple qui entre dans les composés; simples, c'est à dire sans parties.” Leibniz, *Monadologie*, § 1, GP 6, p. 607.

<sup>31</sup> “We must needs here condemn that doctrine of some professed theists and Christians of

Para o filósofo inglês havia uma escala de entidades ou perfeições no Universo e o mais alto não podia provir do mais baixo, portanto nunca a vida podia originar-se de um corpo morto e sem sentidos. Segundo ele as almas foram criadas por Deus e dele dependem nas suas contínuas transformações. Leibniz falou-nos de um Deus que se revelou por fulgurações contínuas produzindo mónadas que só Ele poderia aniquilar e que continuamente se ajustavam em múltiplas combinações.

Embora negando a transmigração, Cudworth defendeu uma certa vitalidade corporal depois da morte, admitiu a corporeidade dos anjos pois apenas Deus era totalmente espiritual, teses determinantes no pensamento de Leibniz.

### Revisitando a(s) natureza(s) plástica(s)

“E agora acabámos a nossa primeira tarefa que era dar conta da natureza plástica.”

Cudworth, *The True Intellectual System*<sup>32</sup>

Um tema que ligou Leibniz e Cudworth foi o da(s) natureza(s) plástica(s) sobre o qual os dois filósofos se interessaram embora defendessem diferentes perspectivas.<sup>33</sup> Tal como Henry More e Stahl, Cudworth questionou a dicotomia cartesiana entre espírito e matéria e tentou ultrapassá-la através de uma entidade mediadora. Esta teria como função estabelecer relações entre essas duas substâncias, apresentadas como absolutamente diferentes e, como tal, de difícil inter-actuação. Avançou com o conceito de natureza plástica, termo que também usou no plural. As “plastic natures” ou “formative natures” eram entendidas como a

---

latter times, who generate all souls, not only the sensitive in brutes, but also the rational in men, out of matter.” *TIS*, 3, V, III, p. 437.

<sup>32</sup> “And now we have finished our fist task, which was to give an account of the plastic nature.” *TIS*, 1, III, §XXXVII, p. 217

<sup>33</sup> Cudworth abordou esta temática na sua obra *The True Intellectual System*, e sintetizou as suas conclusões no apêndice ao capítulo III do livro 1, num texto intitulado “The digression concerning the Plastic Life of Nature”, pp. 280-284.

Leibniz debruçou-se sobre o tema na correspondência com Damaris Cudworth, Lady Masham, *Letters to Leibniz*, LEIBNIZ, *Die Philosophischen Schriften*, 7 vols., ed. Gerhardt, Hildesheim, Olms, 1962, vol. 3, pp. 337- 375. (Usaremos GP quando citarmos esta edição). Retomou este assunto em *Considérations sur les Principes de Vie et sur les Natures Plastiques, par l’Auteur du Systeme de l’Harmonie préétablie* e *Eclaircissements sur les Natures Plastiques et les Principes de Vie et de Mouvement par l’Auteur du Systeme de l’Harmonie préétablie*, GP 6, pp. 539-555.

presença nos corpos particulares, de uma entidade que se assemelhava aos princípios orgânicos situados entre a matéria e o espírito. Nessas naturezas estavam contidas as leis do movimento, o que as tornava responsáveis pelos processos mecânicos. A sua função era organizar o mundo material, prescindindo de um recurso directo a Deus.

Cudworth considerava razoável inferir a existência de uma entidade mediadora entre Deus e a matéria, pela qual a divina providência assegurasse a regularidade das leis que organizam o mundo. Tal hipótese dispensava o recurso a certo tipo de explicações, para ele erróneas, como as que elegiam a matéria como causa determinante do movimento e da vida (à maneira de Hobbes) ou as que recorriam a uma actuação miraculosa de Deus que constantemente estabelecia relações entre espírito e matéria (à maneira de Malebranche), ou as que entendiam Deus como um mero espectador da ordem do mundo (à maneira de Descartes). Contrariar a existência da natureza plástica levaria quer à defesa de um acaso a presidir à formação do mundo, quer à de uma criação apresentada completa desde o seu início. Enquanto crítico destas teses Cudworth pensou encontrar uma solução mais adequada para a conciliação entre espírito e matéria. A ideia de uma natureza plástica (ou de naturezas plásticas enquanto manifestações da mesma) foi recorrentemente trabalhada em *The True Intellectual System*, sobretudo nos livros III e IV.<sup>34</sup> Note-se que isto não representava novidade pois, como Cudworth assinalou, os pagãos na sua maioria, embora com argumentos pouco consistentes, consideraram Deus difundido no mundo. Postularam diferentes deuses dado que entenderam a pluralidade como sendo mais consentânea com o divino. E admitiram uma alma do mundo que se colocava como mediadora entre o Espírito e a matéria:

“Esta alma do mundo foi admitida por esses Pagãos como não sendo uma substância incorpórea, tendo-se concluído que era também um corpo (...) mas um corpo subtil e ligeiro.”

*The True Intellectual System*<sup>35</sup>

A posição crítica desenvolvida por Cudworth face às correntes ateístas deveu-se sobretudo ao facto de elas terem substituído a Divindade pela natureza plástica e de terem por vezes identificado esta com a matéria. Na verdade alguns pagãos pensaram o mundo como um grande animal dotado

<sup>34</sup> Cudworth fala de uma natureza plástica geral e refere-se frequentemente a manifestações da mesma nos seres singulares. Vj. por ex. uma das suas múltiplas sínteses sobre este tema em I, III, XXXVIII, § 25, p. 271.

<sup>35</sup> “This soul of the world was by such of these Pagans as admitted no incorporeal substance, itself concluded to be a body too (...) but a most subtle and swift body.” *TIS*, 2, IV, XXXIV, p. 286.

de alma. Por isso aceitaram a existência de uma força divina em todas as coisas entendendo-a como uma espécie de razão que se disseminava pelos corpos, teses que o filósofo inglês tentou corrigir. Para ele a natureza plástica correspondia à recuperação da *anima mundi* platônica pois segundo Platão ela estava instalada nas almas particulares dos animais, dos seres inanimados e dos homens. Esta ideia foi retomada por Aristóteles que encarou a natureza plástica como a arte divina corporizada na matéria mostrando que ela actuava como um princípio interno, “uma alma viva ou uma lei inserida nela”<sup>36</sup>. O facto de o estagirita ser evasivo quanto à corporeidade desta natureza não preocupou Cudworth, para quem ela nunca poderia ser um corpo: “dado que a natureza aristotélica não pode ser a matéria, nem as formas, nem os acidentes dos corpos, é óbvio que, de acordo com os seus próprios princípios, deverá ser incorpórea.”<sup>37</sup>

Na sequência de Aristóteles, o filósofo inglês entendeu a natureza plástica como uma espécie de intelecto que regia o todo e que organizava as plantas, os animais e os minerais; a sua acção exercia-se sobre as diferentes sementes (ou naturezas plásticas particulares) que nestes se encontravam, levando a que se desenvolvessem. A natureza plástica era uma energia vital, destituída de consciência ou de intenção, uma espécie de espírito que inconscientemente concretizava as suas funções, levando a que gradualmente se cumprisse um plano para o mundo. Tal como existia uma simpatia vital destituída de consciência, a ligar a nossa alma ao nosso corpo, esta energia também actuava em todo o universo corpóreo e concretizava-se nos princípios plásticos particulares que enformam a vida das coisas. A natureza plástica não hesita nem delibera, não busca nem se arrepende, desenrola-se naturalmente manifestando a providência divina. É uma natureza artificial, a partir da qual Deus influencia o mundo através de leis que o regulam. As leis divinas que comandam o mundo são provenientes de uma causa operativa que produz efeitos. E estes não se explicam pelo acaso nem por razões mecânicas. Cudworth negou que o mundo tivesse surgido de um modo imediato e miraculoso. A natureza plástica surgiu-lhe como a resposta adequada para estabelecer as relações de Deus com a sua criação pois apresentou-se como um instrumento subordinado a Deus, um princípio intermediário a assegurar o cumprimento das leis naturais, uma mostra da providência divina que ao expandir-se imprimiu

<sup>36</sup> “a living soul or law in it.” *TIS* III, p. 236.

<sup>37</sup> “(...) since Aristotle’s nature can be neither the matter, nor the forms, nor the accidents of bodies, it is plain, that according to his own principles, it must be incorporeal.” *TIS* III, p. 254. São constantes as referências às teses aristotélicas sobre a natureza plástica mas há uma abordagem mais incisiva das mesmas em *TIS* III, pp. 257-263.



marcas nas suas criaturas.<sup>38</sup> Por meio dela Deus deixou sinais na criação e manifestou a sua vontade. E assim teríamos como que uma imanência de Deus no mundo, evitando-se soluções milagrosas como o ocasionalismo de Malebranche. Os corpos necessitam de um princípio de movimento. A natureza plástica resolve o problema da unificação do movimento de todos os corpos do universo. Dela Cudworth escreve que é “um princípio energético e efectivo, constituído pela Divindade para o aparecimento das coisas passageiras” e que “é o verdadeiro e autêntico destino da matéria, ou do mundo corpóreo.”<sup>39</sup>

### O diferendo sobre a “natureza plástica”

O conceito de “natureza plástica” tal como foi recuperado por Cudworth deu origem a uma série de considerações nem sempre pacíficas tendo sido particularmente relevantes as críticas de Le Clerc e Bayle. Embora estes dois pensadores hoje tenham passado para segundo plano, na altura eram figuras marcantes e as suas opiniões preocuparam não só o filósofo inglês mas também a sua filha, Lady Masham. Esta, na correspondência que estabeleceu com Leibniz, referiu-se ao diferendo, procurando ganhar o autor da *Monadologia* para a causa de seu pai. Cudworth tinha ficado particularmente afectado com as críticas de Bayle. Para o autor do *Dictionnaire Historique et Critique* era confuso aceitar que algo não consciente pudesse agir segundo um plano regular; por isso pôs em dúvida a sua responsabilidade pelo desenvolvimento de todos os seres criados. Para além deste tópico que considerava absurdo, também Bayle levantara problemas quanto à proximidade entre as teses de Cudworth e o mecanicismo cartesiano. Via na filosofia do platónico de Cambridge uma série de implicações que poderiam abrir a porta ao ateísmo. Le Clerc envolveu-se na polémica embora não partilhasse esta última objecção. Na sua perspectiva as naturezas plásticas não representavam qualquer desvio à ortodoxia cristã pois surgiam como instrumentos nas mãos de Deus, de quem recebiam o poder.

O volume III de *The True Intellectual System* integra um texto de Le Clerc onde fica bem patente o modo como ele considerou o pensamento

---

<sup>38</sup> *TIS* 1, III, § XXXVII, p. 224.

<sup>39</sup> “(...) an energetical and effectual principle, constituted by the Deity, for the bringing of things decreed to pass.”

“(…) it is the true and proper fate of matter, or the corporeal world.” *TIS*, pp. 249-50.

de Cudworth.<sup>40</sup> Analisando criticamente a tese, recorrente nesta obra, de que nada pode provir do nada, Leclerc aceitou a contestação da mesma empreendida pelo filósofo inglês, para quem Deus pode criar algo que não existia anteriormente. Tudo tem que ter uma causa e a matéria não pode constituir-se como causa eficiente de corpos e de mentes. Embora seja difícil explicar a relação entre a perfeição divina e as criaturas, a criação é inatacável. Ela implica a participação de uma vontade divina e esta ultrapassa os nossos limites. Aceitamo-la mas não a conseguimos explicar, atitude que os ateus não percebem mas que Cudworth procurou a todo o custo salvar com o seu conceito de “natureza plástica”. Deus enquanto causa da matéria deverá ter alguma relação com ela. Daí os teólogos falarem da sua imensidão e da sua onnipresença, ou mesmo de Deus como “o lugar” (*the Place*) onde as coisas estão contidas.<sup>41</sup> Tem que haver em Deus algo que corresponda à extensão infinita, contudo a matéria é divisível e Deus não o é. Apesar de não possuir o atributo da solidez é capaz de a conferir aos corpos.

Para Le Clerc apenas podemos dizer que as coisas materiais foram criadas por Deus, embora não percebamos o processo de tal criação. A solução apresentada por Cudworth quanto à existência de uma mediação (ou de entidades mediadoras) não se lhe afigurava convincente.

Através de Lady Masham (filha de Ralph Cudworth), Leibniz foi levado a entrar nesta polémica, da qual tirou dividendos para consolidar a apresentação do seu *Système Nouveau*, conciliando Antigos e Modernos e reforçando a ideia de que tudo tem a ver com tudo.

### Cudworth, um auxiliar de Leibniz

A correspondência entre Damaris Masham e Leibniz, levou este a pronunciar-se sobre o conceito de natureza plástica.<sup>42</sup> Preocupada com as críticas de alguns pensadores marcantes do tempo, Lady Masham tentou fazer de Leibniz um aliado na campanha em defesa de seu pai. Assim iniciou o relacionamento com o filósofo, oferecendo-lhe *The True Intellectual System of the Universe*. Este, como sempre, tentou estabelecer consensos. Nas primeiras missivas mostrou-se agradado

<sup>40</sup> Veja nota 3. O texto de Le Clerc é identificado como “Le Clerc’s Observations” (*TIS* 3, V, pps. 133-139).

<sup>41</sup> “This opinion was embraced by Philo Judaeus (...) he says that God is to be called the Place, since he contains all things and is contained by none.” *TIS*, 3, p. 137.

<sup>42</sup> Este tópico recupera parte da minha comunicação “As Mulheres de Leibniz”, feita ao Colóquio Internacional de Leibniz, em Novembro 2010.

com a oferta e mostrou apreço por uma obra na qual realçou “a muita erudição e outra tanta luz.”<sup>43</sup> No entanto, perante a insistência de Masham para obter a sua aprovação quanto às *plastic natures*, Leibniz viu-se obrigado a clarificar posições. Assim assumiu afinidades com Cudworth em certas teses, como a negação do fatalismo, o sentido inato de justiça, a crítica ao hilozoísmo, a necessária união das almas a corpos orgânicos, a rejeição do mecanicismo, nas suas formas atomista e cartesiana. Admitindo de um modo genérico o conceito de natureza plástica, não deixou de pôr em causa a sua utilidade - não via necessidade de recurso a algo exterior aos próprios objectos quando a explicação do modo como evoluíam e se movimentavam se podia encontrar neles mesmos:

“No que respeita à natureza plástica, admito-a em geral e creio com o Sr. Cudworth que os animais não foram formados mecanicamente por algo não orgânico (...). No entanto, sou da opinião que essa força plástica é ela própria mecânica e consiste numa pré-formação e em órgãos já existentes, que foram os únicos capazes de formar outros órgãos.”

Leibniz a Lady Masham<sup>44</sup>

Desejosa de afastar definitivamente as críticas de Bayle, que segundo ela deturpavam o que Cudworth realmente escrevera, Lady Masham analisou algumas das acusações do autor do *Dictionnaire Historique et Critique*, mostrando que eram infundadas: nunca o seu pai pactuara com o mecanicismo cartesiano nem alguma vez negara Deus como causa dos efeitos da natureza; muito menos duvidara da criação. No seu entender as teses de Cudworth não conduziam ao ateísmo pois as naturezas plásticas eram meras executantes do poder divino e não constituíam qualquer ameaça ao mesmo:

“(...) o meu pai está muito longe de afirmar semelhante coisa, pois ele defende que as operações da natureza plástica são essencial e necessariamente dependentes das ideias que se encontram no intelecto divino.”

Masham a Leibniz<sup>45</sup>

<sup>43</sup> “beaucoup d’ erudition et autant de lumiere, jointes ensemble.” Leibniz a Lady Masham, Carta I, GP 3, p. 336.

<sup>44</sup> “Pour ce qui est de la nature plastique, je l’admet en general et je crois avec M. Cudworth, que les animaux n’ ont pas esté formés mecaniquement par quelque chose de non organique (...) Mais je suis pourtant d’ opinion que cette force plastique est mecanique elle même et consiste dans une preformation et dans des organes déjà existens, qui ont esté capables de former d’ autres organes.” GP 3, p. 368.

<sup>45</sup> “But my father is so far from asserting any such thing as this, that he holds the operations

Perante esta insistência Leibniz endureceu as suas posições e a correspondência terminou abruptamente, talvez por Lady Masham ter compreendido que uma continuação da mesma apenas serviria o filósofo alemão e não os intentos dela procurando redimir o pai. De facto, na carta XII Leibniz reiterou a sua tese da harmonia pré-estabelecida pela qual a hipótese de uma natureza plástica ficaria de uma vez por todas anulada. Já anteriormente (carta IV) Masham questionara esta tese, que aliás lhe aparecia como uma “uma mera hipótese” engendrada por Leibniz para resolver as questões levantadas pelos conceitos de substância, de alma e de corpo. Ora enquanto hipótese não se lhe poderia atribuir um estatuto de verdade.

Leibniz respondeu-lhe que a harmonia pré estabelecida era “algo mais que uma hipótese” (carta V) visto que se nos impunha como mais inteligível do que qualquer outra e, conseqüentemente, como altamente provável, por ser conforme à sabedoria de Deus, ao nosso entendimento e à ordem das coisas. Apresentou como inovador o seu “sistema da natureza” no qual defendia uma finalidade relativamente à qual tudo no mundo se organizava. Os corpos contêm inúmeras virtualidades. O desenrolar das mesmas leva a um permanente desenvolvimento, orienta-os para um fim comum, sintoniza-os com os restantes corpos bem como com as almas, de modo que tudo aparece ligado. Em todos os corpos há predisposições para que realizem actos inconscientes, cuja concretização serve o Todo. O Universo foi previamente concertado por um Deus arquitecto que no seu início estabeleceu relações entre todas as coisas, mesmo entre as que pareciam irremediavelmente díspares, como o espírito e a matéria. Para explicar as relações entre estas duas entidades não precisamos de recorrer ao milagre mas também não são necessárias as naturezas plásticas.

O tema da inutilidade das *plastic natures*, suplantado pela tese da harmonia pré-estabelecida, foi retomado posteriormente noutros textos de Leibniz, nomeadamente em *Considérations sur les Principes de Vie et sur les Natures Plastiques* ..... e *Eclaircissements sur les Natures Plastiques et les Principes de Vie et de Mouvement* ..... Com estes escritos percebemos o interesse das posições de Cudworth na consolidação de algumas teses leibnizianas pois foram propícias a um reforço da harmonia pré-estabelecida. Com esta hipótese Leibniz acrescentou as provas da existência de Deus, apresentando-o como o supremo arquitecto, indispensável para manter uma ligação e concertação de tudo com tudo:

---

of the plastic nature to be essentially and necessarily dependent on the ideas in the divine intellect.” Lady Masham a Leibniz, Carta XI, GP 3, p. 371.

“Este sistema da harmonia pré-estabelecida fornece uma nova prova até aqui desconhecida da existência de Deus, porque fica bem patente que o acordo de tantas substâncias, das quais uma não tem influência sobre a outra, só poderia vir duma causa geral, da qual todas dependem.”

Leibniz, *Considérations*<sup>46</sup>

A propósito das naturezas plásticas Leibniz também desenvolveu nos dois textos referidos alguns dos seus temas maiores. Estão neste caso a negação da geração e da morte, a atribuição de almas a todos os organismos, a teoria da pré-formação, a uniformidade de toda a natureza, a organização da matéria até ao infinito. Em concordância com Cudworth, aceitou a existência de princípios de vida (que também designou por almas) disseminados na natureza e dotados de percepção e apetite. Mas entendeu que os movimentos dos corpos, bem como as alterações que sofriam, se deviam a tudo ao que neles está virtualmente contido. Discordou de Descartes quando este atribuiu à alma um poder sobre o corpo e quando defendeu que só o homem tem alma. Esta está presente em todos os corpos:

“Apenas divirjo do Sr. Descartes sobre este assunto, porque reconheço que nos outros corpos organizados da Natureza há almas ou algo de semelhante, dotado de percepção e de apetite.”

*Eclaircissements* <sup>47</sup>

As críticas de Leibniz não se dirigiram só a Descartes e aos mecanicistas. Também visaram o ocasionalismo de Malebranche e a permanente actuação miraculosa de Deus, responsável pelas relações causais entre matéria e espírito. O autor da *Monadologia* estava verdadeiramente convencido de que a sua hipótese era a mais racional, e de que, melhor do que qualquer outra, conseguiria resolver problemas aparentemente insolúveis:

“(…) podemos dizer que a melhor filosofia se mostra também como a mais conveniente em tudo com a razão, nada havendo que se lhe possa opor.”

Leibniz, *Considérations*<sup>48</sup>

<sup>46</sup> «Ce système de l' Harmonie préétablie fournit une nouvelle preuve inconnue jusq' icy de l' Existence de Dieu, pousqu' il est bien manifeste, que l' accord de tant de substances, dont l' une n' a point d' influence sur l' autre, ne sauroit venir que d' une cause generale, dont elles dependent toutes...» *Considérations* , GP 6, p. 541. O mesmo argumento é retomado no final do segundo texto (GP 6, p. 555).

<sup>47</sup> “Je diffère seulement de M. Descartes sur ce sujet, en ce que je reconnois encor dans les autres corps organisés de la Nature des ames ou quelque chose d' approchant, doué de perception et d' appetit.” Leibniz, *Eclaircissements*, GP 6, p. 547.

<sup>48</sup> “(…) on peut dire, que c' est la premiere fois que la meilleure philosophie se monstre

Houve aspectos em que Leibniz acompanhou Cudworth, manifestando uma total sintonia. Um deles dizia respeito à imortalidade dos princípios de vida, a negaram a morte, quer das almas quer dos corpos. A morte, tal como o nascimento, não seria mais do que uma transformação. Outro ponto de convergência prendeu-se com a existência de uma matéria organizada nas suas partes mais ínfimas, tese que um e outro professaram:

“E reforço esse sentimento do Sr. Cudworth considerando que a matéria ordenada por uma sabedoria divina deve ser essencialmente organizada em todo o lado, e que assim há máquina nas partes da máquina natural, até ao infinito”

*Considérations*<sup>49</sup>

No entanto, contrariamente a Cudworth e aos helmontianos, Leibniz dispensou as naturezas plásticas. Considerou-as desnecessárias para explicar as transformações dos corpos orgânicos visto que tudo se explicaria por pré-formação. Note-se que para ele os platónicos de Cambridge não representariam quaisquer ameaças de ateísmo nem as teses de Cudworth poriam em causa a existência de Deus. Os princípios vitais dispersos pela natureza não constituíam um perigo para os crentes. A censura leibniziana às naturezas plásticas (ou naturezas formativas como por vezes lhes chamou) teve na sua base um princípio económico - não precisou delas e, como tal, dispensou-as.<sup>50</sup> Até porque estes elementos mediadores não prescindiam do recurso a uma actuação divina. Foi Deus que criou a natureza, dotando-a de determinadas propriedades e orientando o desenrolar das mesmas:

“Deus deve portanto dirigi-las em cada passo (...) o que torna essas substâncias plásticas totalmente inúteis.”

*Eclaircissements*<sup>51</sup>

A terminar diremos que se Cudworth não despoletou o aparecimento da tese da harmonia pré-estabelecida, os seus escritos foram ocasião para

---

aussi la plus convenable en tout avec la raison, ne restant rien qu'on puisse luy opposer” Leibniz, *Considérations*, GP 6, p. 542.

<sup>49</sup> “Et je fortifie ce sentiment de M. Cudworth en donnant à considerer que la matiere arrangée par une sagesse divine doit estre essentiellement organisée partout, et qu’ainsi il y a machine dans les parties de la machine naturelle à l’ infini.” Leibniz, *Considérations*, GP 6, p. 544.

<sup>50</sup> “Non mi bisogna, e non mi basta” *Ibidem*.

<sup>51</sup> “Dieu les doit donc diriger à chaque pas (...) ce qui rend ces substances plastiques tout à fait inutilés.” Leibniz, *Eclaircissements*, GP 6, p. 555.

que Leibniz a desenvolvesse de um modo acessível a um público mais lato. Na linha do neo-platonismo Cudworth elegeu a(s) “natureza(s) plástica(s)” como possibilidade de operar sínteses e lançar pontes entre realidades aparentemente opostas. Leibniz também se preocupou com este tema mas tentou resolvê-lo diferentemente. Um e outro tocaram no cerne da questão do Uno e do múltiplo, do mesmo e do outro, do semelhante e do diferente. A relação que entre ambos se estabeleceu deveu-se a Lady Masham que preocupada em salvaguardar o bom nome do pai, recorreu ao filósofo alemão. Este esteve sobretudo interessado em mostrar a consistência interna das suas teses, quer as que poderiam superar a hipótese das naturezas plásticas, quer outras de cariz ético, gnosiológico e metafísico. A correspondência entre Leibniz e Masham foi extremamente útil para uma melhor compreensão do pensamento leibniziano e motivou-nos à leitura da obra de Cudworth. Os investigadores leibnizianos devem ao platónico de Cambridge, bem como à filha, o facto de Leibniz, estimulado pelas questões que levantaram, ter procurado resolvê-las, abrindo com a sua filosofia outros pontos de vista.

## RESUMO

A tradição filosófica europeia foi marcada pelo diálogo entre duas orientações aparentemente antagónicas - o desejo de objectividade e o recurso ao símbolo e à alegoria. Embora na modernidade ressaltasse o triunfo da vertente científica, nela também estiveram presentes o hermetismo e o mistério. O filósofo Ralph Cudworth é representativo dessa linha, debruçando-se sobre as relações entre razão e fé, filosofia e teologia, espírito e matéria, inatismo e experiência. Cudworth foi um construtor de pontes entre a Cabala, o pensamento antigo e a filosofia moderna na pessoa de filósofos como Descartes, Hobbes, Espinosa, Locke e Leibniz, com os quais dialogou. Tentando conciliar orientações opostas, empenhou-se na procura de verdades universais que a todos contentassem.

**Palavras-chave:** unidade; multiplicidade; ateísmo; fobia pneumática; teísmo; materialismo; geração; morte; naturezas plásticas.

## ABSTRACT

In the European philosophical tradition there is a dialogue between two different guidelines - objectivity and the appeal to symbolic and allegoric thought. In the 17th century science plays a dominant part but mystery and hermetism are also present. Ralph Cudworth represents this line of thought as he deals with the relations between reason and faith, philosophy and theology, spirit and matter, innatism and experience. Cudworth tried to establish links between the Cabala and ancient and modern thought, establishing a dialogue with philosophers such as Descartes, Hobbes, Espinosa, Locke and Leibniz. While trying to conciliate different points of view, he strived in the search of universal truths that would satisfy everybody.

**Keywords:** unity; multiplicity; atheistic arguments; pneumatic phobia; theism; materialism; generation; death; plastic natures.